

CARTOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS: SABERES E PRÁTICAS METODOLÓGICAS PARA A APRENDIZAGEM ATIVA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Denise Santos Saldanha¹, Gilvania Maria de Souza², Deise Santos Saldanha³, Bruna Cordeiro Saldanha⁴

¹ Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

E-mail: denisesaldanha.lama@gmail.com

² Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

E-mail: gilvania_souza94@hotmail.com

³ Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

E-mail: deiseesaldanha@gmail.com

⁴ Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

E-mail: brunasaldanha1@hotmail.com

Resumo

O ensino da geografia, sobretudo nos anos iniciais, está pautado, em grande medida, por um viés tecnicista e tradicional, com o uso de metodologias voltadas à memorização e repetição dos conteúdos. A alfabetização cartográfica, do mesmo modo, é encarada como escassa, de difícil aplicabilidade ou inacessível. Assim, pelo reconhecimento da existência desse processo deficitário e por entender a relevância das metodologias práticas e da alfabetização cartográfica como potenciais de análise dos fenômenos espaciais, o presente trabalho tem por objetivo analisar as metodologias ativas e o uso da cartografia nos anos iniciais como alternativas sistemáticas no processo de ensino-aprendizagem. A metodologia está ancorada em levantamento bibliográfico e na aplicação de atividades práticas baseadas na cartografia, a fim de estimular e desenvolver a alfabetização cartográfica dos estudantes. As atividades foram desenvolvidas em uma turma do 5º ano do ensino fundamental/anos iniciais. Os resultados consistiram na construção de duas atividades práticas, os mapas mentais e os mapas construídos à mão, com a finalidade de propiciar um maior interesse e protagonismo nos alunos, além de facilitar o processo de apreensão do conteúdo. Desse modo, aferiu-se que tais instrumentos são importantes recursos para a construção do conhecimento geográfico, tornando a aprendizagem significativa e fomentando a práxis pedagógica.

Palavras-chave: Metodologias ativas. Alfabetização cartográfica. Ensino de Geografia.

CARTOGRAPHY IN THE EARLY YEARS: KNOWLEDGE AND METHODOLOGICAL PRACTICES FOR ACTIVE LEARNING IN ELEMENTARY EDUCATION

Abstract

The teaching of geography, especially in the early years, is guided, to a large extent, by a technical and traditional bias, substantiated by the use of methodologies aimed at memorizing and repeating the taught content. Cartographic literacy, likewise, is seen as scarce, difficult to apply or inaccessible. Thus, by recognizing the existence of this deficient process and by understanding the relevance of practical methodologies and cartographic literacy as potential ways for analyzing the spatial phenomena, the present work aims to look into the active methodologies and the use of cartography in the early years as systematic alternatives in the teaching-learning process. The methodology is anchored in a bibliographic survey and in the application of practical activities based on cartography, in order to stimulate and develop students' cartographic literacy. The activities were developed in a group of the 5th year of elementary school/initial years. The results consisted of the construction of two practical activities, mental maps and maps constructed by hand, with the purpose of providing greater interest and protagonism in students, in addition to facilitating the process of understanding the

content. In this way, it was verified that such instruments are important resources for the construction of geographic knowledge, making learning meaningful and promoting pedagogical praxis.

Keywords: Active methodologies. Cartographic literacy. Geography teaching.

CARTOGRAFÍA EN LOS PRIMEROS AÑOS: CONOCIMIENTOS Y PRÁCTICAS METODOLÓGICAS PARA EL APRENDIZAJE ACTIVO EN LA EDUCACIÓN PRIMARIA

Resumen

La enseñanza de la geografía, especialmente en los primeros años, está guiada, en gran medida, por un sesgo técnico y tradicional, con el uso de metodologías orientadas a la memorización y repetición de contenidos. La alfabetización cartográfica, igualmente, es vista como escasa, de difícil aplicación o inaccesible. Así, reconociendo la existencia de este proceso deficiente y comprendiendo la relevancia de las metodologías prácticas y la alfabetización cartográfica como potencialidades para el análisis de los fenómenos espaciales, el presente trabajo tiene como objetivo analizar las metodologías activas y el uso de la cartografía en los primeros años como alternativas sistemáticas en el proceso de enseñanza-aprendizaje. La metodología está anclada en un levantamiento bibliográfico y en la aplicación de actividades prácticas basadas en la cartografía, con el fin de estimular y desarrollar la alfabetización cartográfica de los estudiantes. Las actividades se desarrollaron en un grupo del 5º año de la escuela primaria/años iniciales. Los resultados consisten en la construcción de dos actividades prácticas, los mapas mentales y los mapas construidos con la mano, con el fin de propiciar un mayor interés y protagonismo en los demás, además de facilitar el proceso de aprendizaje del conocimiento. De esta manera, después de que estos instrumentos sean recursos importantes para la construcción del conocimiento geográfico, tornando el aprendizaje significativamente y fomentando la práctica pedagógica.

Palabras-clave: Metodologías activas. Alfabetización cartográfica. Enseñanza de la Geografía.

INTRODUÇÃO

Apesar do aumento da disseminação teórica outorgada ao ensino de Geografia, em uma tentativa de elucidação de sua relevância formativa, para muitos docentes das séries iniciais, a Geografia ainda se limita à gênese da palavra, sendo transmitida ao aluno de forma tradicional e arcaica, empobrecendo o processo de ensino-aprendizagem. Isso acontece, muitas vezes, porque nos anos iniciais do ensino fundamental, a evidência do trabalho docente é a alfabetização, em sentido estrito, a aquisição da leitura e escrita (CALLAI, 2005). Sustenta-se, então, uma Geografia preterida a um trabalho ínfimo, sem desenvolvimento crítico e com poucos aparatos formativos para a compreensão do conhecimento. O professor, por sua vez, se atém apenas às descrições de paisagens, sem se preocupar em desenvolver a capacidade cognitiva do aluno, seu senso crítico e reflexivo.

Pensar o ensino da Geografia nas séries iniciais, é pensar em sua significação enquanto um processo de ensino-aprendizagem que resgata conceitos espaciais educativos essenciais para o desenvolvimento cognitivo. O processo de ensino-aprendizagem geográfico deve, portanto, se preocupar com a construção do conhecimento, dos conceitos, das noções, não atrelando o seu ensino à memorização. Assim, conhecer a Geografia, como assevera Callai (2005), é conhecer o mundo, o lugar em que vivemos, para poder compreender o que são os processos de exclusão social e a seletividade dos espaços.

Nessa perspectiva, entendemos que a geografia escolar é uma forma de se chegar a essa compreensão espacial, pois potencializa que o aluno se identifique e se integre ao espaço em

que vive. Uma das maneiras para que se alcance essa amplitude compreensiva está na alfabetização cartográfica, que surge como instrumento capaz de assimilar a realidade, com o uso dos mapas, contribuindo no desenvolvimento de habilidades e capacidades, levando o aluno a entender a interação e transformação no espaço vivido e habilitando-o a construir conceitos geográficos considerados indispensáveis ao seu desenvolvimento crítico e cognitivo. Desse modo, as noções de cartografia se fazem presente para que o aluno compreenda a interação do homem com o meio nas relações espaciais, tratando a Geografia como uma ciência dinâmica e não inerte.

Por intermédio da alfabetização cartográfica nos anos iniciais, tendo como referência os seus locais de vivências, o aluno começará a ler sua realidade e desenvolver as primeiras noções da produção do espaço, podendo produzir as suas representações da realidade, pondo em prática os mapas mentais para retratar da melhor maneira a realidade em que vivem. Os alunos devem ter a oportunidade de ler mapas, de localizar fenômenos e de praticar correlações entre esses fenômenos (CAVALCANTI, 2010).

Para atingir esse objetivo, o maior desafio do docente é o desenvolvimento de uma metodologia compatível com a idade/série do aluno dos anos iniciais do ensino fundamental que forneça condições para que possam aplicá-las. Dessa forma, o objetivo da pesquisa é discutir saberes e práticas metodológicas para a aprendizagem ativa no ensino fundamental.

Assim, a presente discussão procura evidenciar como a alfabetização cartográfica nos anos iniciais contribui para a melhoria na compreensão dos conteúdos geográficos a partir das representações espaciais que auxiliarão no ensino-aprendizagem dos anos subsequentes.

DESENVOLVIMENTO DA CAPACIDADE DE LEITURA E MAPEAMENTO DA REALIDADE PELA LINGUAGEM GRÁFICA E CARTOGRÁFICA

A linguagem gráfica e cartográfica constitui importante meio de ensino-aprendizagem, principalmente, nos anos iniciais, na qual começa a introdução de alfabetização cartográfica, incentivando a habilidade de representação de mundos visíveis, objetivos e subjetivos (CALVACANTI, 2010; CASTROGIOVANNI; SILVA, 2016). O ensino da Geografia tem a cartografia como uma ferramenta importantíssima, pois possibilita aos alunos expor/expressar suas percepções através de todas as representações que a linguagem gráfica e cartográfica dispõe. Oliveira (1978, p. 36) também conceitua o que chamamos de Alfabetização Cartográfica como sendo:

[...] um campo de estudos que está à espera do interesse e da dedicação de geógrafos, cartógrafos, educadores e professores, para ser desenvolvido. O estudo da Cartografia deve ser precedido pelo estudo de uma cartografia infantil, na qual a criança tenha oportunidade de desenvolver atividades preparatórias, para em seguida realizar concretamente as operações mentais de redução, rotação e generalização, que são propriedades fundamentais do processo de mapeamento. Para que o desenvolvimento de uma cartografia infantil seja eficaz, é preciso considerar o mapa como um entre os vários tipos de linguagem de que os homens dispõem para se comunicarem e se expressarem (OLIVEIRA, 1978, p. 36).

Dessa forma, o principal objetivo é repassar os conteúdos de maneira didática, possibilitado aos sujeitos uma melhor compreensão na leitura e construção dos mapas. Com isso, pode-se destacar os mapas mentais como construções simbólicas, que buscam expressar

aspectos sociais, espaciais e históricos e é uma ferramenta bastante utilizada na alfabetização dos anos iniciais, principalmente porque são mais “livres”, sem preocupação com a correspondência objetiva com o que é representado (CALVACANTI, 2010).

Sendo assim, o mapa é um instrumento de comunicação, facilitando o processo de linguagem e desenvolvimento do raciocínio geográfico, pois através da representação espacial é possível realizar uma leitura geográfica mais interligada com a dinâmica espacial (RICHTER, 2011). O autor destaca que “há uma necessidade de aprofundar o debate e a construção de uma prática didática que utilize o mapa como importante linguagem para o ensino-aprendizagem na geografia” (p. 08), pois é uma ferramenta que possibilita diversos caminhos livres e aproxima o conhecimento dos saberes científicos ensinados na escola.

Importante destacar que a linguagem cartográfica e gráfica já alcançou passos significativos no ensino escolar, se relevando nos mais diferentes espaços da educação (RICHTER, 2011). Para a geografia, considerada a ciência que estuda o espaço, a leitura gráfica é “tão importante quanto à alfabetização para a leitura da escrita. Essa Educação Cartográfica significa preparar o aluno para fazer e ler mapas” (PASSINI, 1994). Ainda nesse sentido, Francischett (2008, p.7) explicita que:

É possível perceber que o estudo da linguagem cartográfica vem, cada vez mais, reafirmando sua importância desde o início da escolaridade. Ele contribui não apenas para que os alunos compreendam os mapas, mas também para desenvolver capacidades relativas à representação do espaço. Os alunos precisam ser preparados para que construam conhecimentos fundamentais sobre essa linguagem, como pessoas que representam e codificam o espaço e como leitores (FRANCISCHETT, 2008, p. 7).

Diante do que foi colocado, pode-se frisar a importância do professor de geografia na construção do conhecimento da linguagem gráfica e cartográfica, sendo o principal transmissor dessas práticas pedagógicas. Ou seja, para que a criança tenha autonomia de análise espacial e seja leitora e também construtora de mapas, é necessário que o professor realize um trabalho intencional de mediação com atividades que possibilitem a alfabetização cartográfica, a fim de compreendê-la.

Na sala de aula, uma das maneiras de trabalhar com linguagem cartográfica e gráfica é através de situações que permitam que esses alunos percebam como a linguagem constitui-se em símbolos, técnicas de projeção e conjunto de signos previamente organizados para representar a realidade, ou seja, o espaço geográfico (o fenômeno que está trabalhando em sala de aula) (FRANCISCHETT, 2001).

Portanto, destaca-se o quão necessário é a atuação do professor nessa etapa de ensino-aprendizagem das crianças, como mediador do processo de aquisição do conhecimento, uma vez que caberá a ele oferecer recursos e atividades que contribuam para o pleno desenvolvimento de suas capacidades cognitivas.

Desse modo, faz parte do papel do professor também instigar os seus alunos, principalmente para que os mesmos sintam vontade de participar das práticas desenvolvidas em sala de aula e assim perpassem o conhecimento para além da escola, contribuindo ainda mais nesse processo de ensino-aprendizagem da ciência geográfica. Segundo a BNCC, o estudo da geografia com a linguagem cartográfica e gráfica permite:

Atribuir sentidos às dinâmicas das relações entre pessoas e grupos sociais, e desses com a natureza, nas atividades de trabalho e lazer. É importante, na faixa etária associada a essa fase dos anos iniciais, o desenvolvimento da capacidade de leitura por meio de fotos, desenhos, plantas, maquetes e as mais diversas representações. Assim, os alunos desenvolvem a percepção e o domínio do espaço (BRASIL, 2023).

Conclui-se, portanto, que a utilização da cartografia, no contexto da sala de aula, tem como objetivo possibilitar aos alunos o entendimento de maneira didática dos conteúdos estudados, através do mapa e de outros recursos, estimulando ainda mais a leitura sobre aspectos do cotidiano.

METODOLOGIAS DIFERENCIADAS NA ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA NO ENSINO GEOGRÁFICO

O modo de ensinar nas instituições de educação do Brasil vem passando por mudanças significativas nos últimos anos. Contudo, é de fundamental importância destacar que a Geografia escolar vem de uma era tradicional na qual lecionar nada mais era do que transmitir conhecimentos prontos (FILHO FONTENELLE, 2010). O ensino e a aprendizagem da Geografia e da cartografia no Brasil ainda são atrelados aos livros didáticos, apenas na oralidade e na resolução de atividades, os professores utilizam-se da velha metodologia da “decoreba” (SILVA et al., 2019).

A linguagem cartográfica não deve ser trabalhada apenas como a ciência de colorir mapas, e sim, a de construir representações por meio do letramento cartográfico. Isto é, formar um aluno capaz de entender seu espaço, o espaço vivido, reconhecer lugares, e ao mesmo tempo compreender relações que permitam ir da leitura do lugar a compreensão do mundo (FARIAS, 2016).

Para que os discentes tenham uma melhor compreensão do que ocorre no espaço geográfico, é necessário trabalhar com metodologias diferenciadas, como: confecção de mapas, maquetes, plantas, entre outros. São práticas que fazem com que o aluno tenha interesse em permanecer nas salas de aula, são os novos recursos responsáveis por auxiliar na compreensão do espaço.

Desse modo, é preciso que o docente rompa com algumas práticas em sala de aula, adote uma postura diferente e fuja do que se vem chamando de forma tradicional de ensinar, no qual a aprendizagem é somente por meio de leituras através livro didático e exercícios no caderno (SILVA; COELHO, 2019). Com isso, Castellar e Vilhena (2010) enfatizam que:

As iniciativas dos professores não devem ficar restritas a um tipo de texto ou de linguagem. Se o objetivo das aulas, entre outros, é ampliar a capacidade crítica do aluno, é preciso propor situações em que ele possa confrontar ideias, questionar os fatos com argumentação e, ao mesmo tempo, facilitar-se o acesso aos vários gêneros de textos e de linguagens (CASTELLAR; VILHENA, 2010, p. 65).

Assim, com uma postura metodológica de trabalho diferenciada, o docente leva o aluno a construir sua identidade com o lugar e o desperta para entender as relações existentes em uma sociedade e com isso os alunos passam a ter uma visão crítica do que é geografia (SILVA; COELHO, 2019).

Para se educar geograficamente é necessário desenvolver estudos, discursões, reflexões que facilitem a relação ensino/aprendizagem. A geografia juntamente com a cartografia pode ser utilizada para formar um ser reflexivo e crítico, através de metodologias inovadoras. Neste contexto, a Geografia possui inúmeros conteúdos que possibilitam trazer novos meios de ensinar ao aluno, dentre estes conteúdos encontra-se a cartografia (CALLAI, 2005).

É perceptível que o ensino geográfico e cartográfico nas escolas é defasado, que muitos docentes sentem dificuldades em trabalhar a cartografia em sala de aula, isso é decorrente da falta de estrutura da escola, da falta de preparação do professor ou a falta de interesse do aluno. O professor precisa ser capacitado para que os mesmos façam um primeiro alicerce nos alunos das séries iniciais.

Diante de todo esse contexto a alfabetização cartográfica é essencial no desenvolvimento dos discentes, para que os mesmos construam seus próprios símbolos. Vale salientar, que vivemos em uma era tecnológica, na qual talvez o aluno não desperte interesse em aprender mediante somente um livro didático (FRANCISCHETT, 2008). Contudo, o docente, como principal agente no processo de ensino-aprendizagem precisa buscar novas maneiras de despertar o interesse dos alunos, utilizando-se de métodos inovadores ou diferenciados, pelos quais exista uma aproximação da vida cotidiana dos discentes com as informações que eles precisam conhecer.

Na perspectiva de inovar no ensino de geografia, é interessante que o docente trabalhe com diferentes dinâmicas na sala de aula, com atividades lúdicas, envolvendo a participação dos discentes de tal forma que não absorvam somente o contexto teórico do conteúdo, mas também o prático. Arnaud Soares (2006), doutor na área da educação, em entrevista à Folha Dirigida, afirma que:

Trabalhar com o lúdico implica em abordar o prazer, que é fundamental no processo de organização/ estruturação da subjetividade humana. Por isso mesmo, não se trata de um aspecto de menor importância a ser trabalhado nas escolas. As atividades lúdicas ou o lúdico como um fundamento dos processos formativos, implícito no desenvolvimento cognitivo e nos modos e mecanismos da aprendizagem, entre outros, supõem competências específicas e, até então, pouco aprofundadas no âmbito da educação formal (SOARES, 2006, p. 07).

Nesta perspectiva, a utilização da cartografia, no contexto da sala de aula, prima por uma metodologia que proporcione o letramento/leiturização do aluno, tornando a linguagem cartográfica compreensível, no intuito de possibilitar ao discente, desde a mais tenra idade, adquirir uma familiaridade com o mapa e outros recursos lúdicos a possibilitarem o entendimento da vida cotidiana, ou seja, do espaço em que se vive.

METODOLOGIAS ATIVAS NA CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS GEOGRÁFICOS POR MEIO DE CARTOGRAFIA BÁSICA

Mapas mentais

Diante do que foi discutido, vale frisar que vivemos em uma era tecnológica, na qual se faz necessário uma renovação constante das ações pedagógicas, a fim de que sejam encontradas novas maneiras de despertar o interesse dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. O professor é o principal mediador desse processo e precisa estimular o lado

conceito. Após a construção do mapa mental, os alunos apresentaram suas interpretações para a turma.

Construção de mapas à mão

A segunda aplicação foi à representação do espaço, na qual foi trabalhada de forma minuciosa. Os alunos, através da construção de mapas à mão, puderam representar os continentes do mundo, utilizando o livro didático como um auxiliar na fixação de conteúdos estudados, como: paralelos e meridianos, linha do equador, hemisférios norte e sul, coordenadas geográficas, etc. (figura 02).

Figura 02: Construção de mapas (representação dos continentes do mundo).



Fonte: acervo da pesquisa (2021).

Vale salientar que, nessa atividade, foi possível enfatizar sobre os elementos principias de um mapa, como: escala, fonte, seta norte, título e informações primordiais de um mapa – legenda. A atividade foi realizada de maneira individual, a fim de analisar a percepção do aluno na representação do espaço, e como ele ia desenvolver tudo aquilo que tinha visto em sala de aula (figura 03).

Figura 03: Exemplos de alunos apresentando o trabalho desenvolvido em sala de aula.



Fonte: acervo da pesquisa (2021).

Pode-se constatar que durante a aplicação da atividade os alunos se mostraram bastante participativos, empenhados e empolgados. Quando indagados a respeito do tema em estudo, muitas foram as respostas corretas, dando a entender que essa metodologia tem resultado satisfatório. Silva e Castrogiovanni (2014) enfatizam que:

A linguagem cartográfica na Geografia detém as representações e imagens que o indivíduo forma a partir da percepção da paisagem, do lugar e do território, com a pertinência de estudar as representações de um dado espaço tomando-se como categoria de análise a simbologia, sobretudo as suas novas concepções, que vão muito além do aspecto de cenário. Essas novas concepções aglutinam, sob a designação de semiótica, o conjunto de elementos constituintes da representação, o ambiente, as cores, as formas, ou melhor, as representações que se lê e se faz (SILVA; CASTROGIOVANNI, 2014, p. 04).

A linguagem cartográfica faz parte da Geografia, pois nenhum desses conhecimentos se constrói sem o outro, indo de encontro com este pensamento. Pode-se colocar ainda que é um sistema de código de comunicação indispensável em todas as esferas da aprendizagem dessa disciplina (CASTELLAR, 2005).

A partir desses fundamentos, é possível inferir que a ciência cartográfica não é uma mera convenção metodológica ou descritiva da realidade, mas pode ser compreendida como “a arte, o método e a técnica de representar a superfície terrestre e seus fenômenos” (BITAR; SOUSA, 2009, p.7). Ou seja, reúne a práxis ensino-aprendizagem ao possibilitar a compreensão dos fenômenos espaciais a partir da sintetização das informações do espaço vivido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um mundo cada vez mais globalizado, o ensino de Geografia se faz cada vez mais necessário e não pode mais ser colocado em segundo plano dentro das escolas. É preciso ensinar Geografia para desenvolver a criticidade e, principalmente, para estudar e discutir os problemas e os processos de transformação do mundo, que ocorrem tão rapidamente. Significa dizer que devemos levar o estudo da realidade para dentro da sala de aula. Isso é, estudar o espaço vivido.

Nesse caso, o ensino de alfabetização cartográfica traz importantes contribuições ao instrumentalizar o aluno na leitura e compreensão do espaço que o cerca e também daquele representado. Assim, este trabalho pretendeu contribuir com as práticas de ensino de Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Para isso, estudou-se a possibilidade de introdução de conceitos básicos de cartografia nesse período da vida escolar do aluno.

A partir das atividades aplicadas, verificou-se que é possível introduzir conceitos cartográficos básicos, como entender as diferenças e compreender os contrastes das paisagens já nos primeiros anos do ensino fundamental. Assim sendo, o mapa mental e a representação do espaço (através da construção de mapas a mão) foram utilizadas para obter informações sobre o pensamento dos alunos e assim planejar intervenções com o intuito de trabalhar com conceitos básicos da cartografia.

Dessa forma, constatou-se, que através das atividades realizadas e pela mediação pedagógica, ser possível introduzir o ensino de noções, habilidades e conceitos básicos de

alfabetização cartográfica no currículo de Geografia nos anos iniciais. Assim, através de diferentes dinâmicas na sala de aula, com atividades lúdicas, foi possível produzir resultados positivos e contribuir para diversificar a prática educativa nos anos iniciais da educação básica.

REFERÊNCIAS

BITAR, J.C.M.; SOUSA, C.L. A geografia e o uso da linguagem cartográfica na educação básica. In: XVI Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. **Anais eletrônicos [...]**. Paraná, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos**. Apresentação dos temas transversais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

CALLAI, H.C. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/7mpTx9mbrLG6Dd3FQhFqZYH/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 03 de maio de 2023.

CALVACANTI, L.S. A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. In: Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais. **Anais eletrônicos [...]**. Belo Horizonte, 2010.

CASTELLAR, S.M.V. Educação Geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 209-225, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/SDh77ByNZ8v8bSD9DbbjvfF/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 05 de maio de 2023.

CASTELLAR, S.M.V.; VILHENA, J. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CASTELLAR, S.V. A cartografia e a construção do conhecimento em contexto escolar. In: ALMEIDA, R.D. (Org.). **Novos rumos da cartografia escolar: currículo, linguagem e tecnologia**. São Paulo: Contexto, 2014, p. 121-134.

CASTROGIOVANNI, A.C; SILVA, P.R.F.A. A dialógica entre a Cartografia no ensino básico e o sistema de informação geográfica nos pleitos territoriais. In: CASTROGIOVANNI, A.C.; TONINI, I.M.; KAERCHER, N.A.; COSTELLA, R.Z. (Orgs.). **Movimentos para ensinar geografia – oscilações**. Porto Alegre: Editora Letra, 2016, p. 143-156. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/149131>>. Acesso em: 03 de maio de 2023.

FARIAS, P.S.C. Os limites e as possibilidades do ensino da cartografia escolar nas primeiras séries do ensino fundamental. **Revista GeoSertões**, v. 1, n. 1, p. 57-73, 2016. Disponível em: <<https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/geosertoes/article/view/27/17>> Acesso em: 02 de maio de 2023.

FILHO FONTENELLE, J. Formação crítico-reflexiva na perspectiva do professor de geografia: estudo de caso. **Revista Geosaberes**, v. 1, n. 2, p. 180-197, 2010. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/59/69>>. Acesso em: 01 de maio de 2023.

FRANCISCHETT, M.N. **A Cartografia no ensino de Geografia: a aprendizagem mediada**. 2001. 219f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2001.

FRANCISCHETT, M.N. **A Cartografia no Ensino-aprendizagem da Geografia**. BOOC, 2008. Disponível em: <<http://www.booc.ubi.pt/pag/francischett-mafalda-representacoes-cartograficas.pdf>>. Acesso em: 06 de maio de 2023.

OLIVEIRA, L. **Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa**. São Paulo: USP, 1978.

PASSINI, E.Y. **Alfabetização cartográfica e o livro didático: uma análise crítica**. Belo Horizonte, 1994.

RICHTER, D. **O mapa mental no ensino da geografia: concepções e propostas para o trabalho docente**. Editora UNESP: São Paulo, 217p, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/items/e8f79e2e-a55c-4297-9c1c-ddcf436cf18e>>. Acesso em: 05 de maio de 2023.

SILVA, A.K.G.; COELHO, A.A. Ensino de geografia ou educação geográfica: metodologias diferenciadas no ensino de geografia em uma escola da cidade de Eirunepé-AM. **Revista Tocantinense de Geografia**, v. 8, n. 6, p. 41-54, 2019. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/geografia/article/view/7545/16049>>. Acesso em: 06 de maio de 2023.

SILVA, L.M.; CASTROGIOVANNI, A.C. Geografia e a cartografia escolar no ensino básico: uma relação complexa: percursos e possibilidades. In: Encontro de práticas de ensino de geografia da Região Sul. **Anais eletrônicos [...]**. Florianópolis, 2014. Disponível em: <<https://anaisenpegsul.paginas.ufsc.br/files/2014/11/LIMARA-MONTEIRO-DA-SILVA-e-ANTONIO-CARLOS-CASTROGIOVANNI.pdf>>. Acesso em: 05 de maio de 2023.

SOARES, A. **A revolução (silenciosa) da internet nas salas de aula**. Entrevista à Folha Dirigida: Rio de Janeiro, 2006.